

Estilos Parentais e o Desenvolvimento Socioemocional Infantojuvenil: revisão integrativa

Maria Luisa Borges de Carvalho¹

Ivone Félix de Sousa²

Resumo

Os estilos parentais constituem padrões amplos de interação entre cuidadores e filhos e expressam o clima emocional, normativo e comunicacional presente nas relações familiares. Este estudo teve como objetivo analisar, por meio de uma revisão integrativa da literatura, as relações entre estilos parentais e desenvolvimento socioemocional infantojuvenil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida a partir de revisão integrativa, com buscas realizadas no primeiro semestre de 2026 nas bases Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), PubMed e Portal de Periódicos CAPES. Foram utilizados descritores em português e inglês relacionados a estilos parentais, desenvolvimento infantil, desenvolvimento socioemocional e relações pais-filhos. Após identificação de 78 estudos, aplicação de filtros, leitura de títulos e resumos, avaliação de elegibilidade e leitura na íntegra, 10 artigos compuseram a amostra final. Os resultados indicaram que o estilo parental autoritativo, caracterizado por equilíbrio entre afeto, responsividade, comunicação e estabelecimento consistente de limites, associa-se a melhores indicadores de regulação emocional, habilidades sociais, autoestima, comportamento pró-social e ajustamento escolar. Em contrapartida, estilos autoritário, permissivo e negligente aparecem vinculados a maior vulnerabilidade emocional, dificuldades interpessoais e problemas comportamentais. Conclui-se que os estilos parentais constituem fatores relevantes para o desenvolvimento socioemocional e devem ser considerados em intervenções psicológicas, ações escolares, políticas de fortalecimento de vínculos e programas de orientação parental.

Palavras-chave: estilos parentais; desenvolvimento infantil; desenvolvimento socioemocional; relações pais-filhos; parentalidade.

Abstract

Parenting styles are broad patterns of interaction between caregivers and children and express the emotional, normative, and communicational climate present in family relationships. This study aimed to analyze, through an integrative literature review, the relationships between parenting styles and socioemotional development in childhood and adolescence. This is a qualitative study developed through an integrative review, with searches conducted in the first semester of 2026 in the Virtual Health Library (VHL), Scientific Electronic Library Online (SciELO), PubMed, and CAPES Journal Portal. Descriptors in Portuguese and English related to parenting styles, child development, socioemotional development, and parent-child relations were used. After identifying 78 studies, applying filters, screening titles and abstracts, assessing eligibility, and reading full texts, 10 articles composed the final sample. The findings indicated that the authoritative parenting style, characterized by a balance between affection, responsiveness, communication, and consistent limit-setting, is associated with better indicators of emotional regulation, social skills, self-esteem, prosocial behavior, and school adjustment. In contrast, authoritarian, permissive, and neglectful styles appear to be linked to greater emotional vulnerability, interpersonal difficulties, and behavioral problems. It is concluded that parenting styles are relevant factors for socioemotional development and should be considered in psychological interventions, school actions, policies aimed at strengthening family bonds, and parenting guidance programs.

Keywords: parenting styles; child development; socioemotional development; parent-child relations; parenting.

¹ Aluna do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás

² Profa. Orientadora do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Introdução

O núcleo familiar constitui um dos primeiros contextos de desenvolvimento humano, pois é nele que a criança inicia suas experiências afetivas, relacionais, comunicacionais e normativas. A família participa da construção de vínculos, da aprendizagem de regras, da organização da segurança emocional e dos primeiros modos de interação social (Campos; Melo, 2022). Nesse sentido, a parentalidade não se restringe ao cuidado cotidiano ou à provisão material, mas envolve processos afetivos, educativos, culturais e relacionais que influenciam a formação de repertórios emocionais e sociais desde os primeiros anos de vida (Bakman; Uziel, 2022).

A compreensão da parentalidade exige considerar que o desenvolvimento infantil não ocorre de maneira isolada. Crianças e adolescentes se constituem nas relações que estabelecem com cuidadores, pares, escola, comunidade e cultura. A partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano é possível contribuir com essa análise por se compreender o sujeito em interação contínua com sistemas interdependentes, como família, escola, redes sociais e condições históricas mais amplas (Waugh; Guhn, 2024). Do mesmo modo, na Teoria do Apego destaca-se a importância dos vínculos precoces para a segurança emocional, para a exploração do ambiente e para a construção de formas mais estáveis de autorregulação (Bowlby, 2023).

No campo da Psicologia do Desenvolvimento, os estilos parentais têm sido compreendidos como padrões relativamente amplos e consistentes de relação entre cuidadores e filhos. Diferenciam-se das práticas parentais específicas porque não se referem apenas a condutas isoladas, como punir, orientar, supervisionar ou elogiar, mas ao clima emocional no qual essas práticas são realizadas. Esse clima envolve responsividade, exigência, afeto, controle, comunicação, autonomia, disciplina e estabelecimento de limites (Darling; Steinberg, 1993; McMahon et al., 2025). Por essa razão, os estilos parentais constituem categorias analíticas relevantes para compreender desfechos socioemocionais de crianças e adolescentes (Martins; Silva, 2025).

A literatura clássica sobre estilos parentais tem como uma de suas principais referências os estudos de Baumrind (1971), que descreveu padrões de autoridade parental associados a diferentes formas de controle e responsividade. Posteriormente, esse campo foi ampliado pela distinção entre estilos autoritativo, autoritário, permissivo ou indulgente e negligente. O estilo autoritativo combina afeto, diálogo, supervisão e limites consistentes; o autoritário enfatiza obediência, controle rígido e menor abertura ao diálogo; o permissivo ou indulgente apresenta elevado afeto, mas baixa exigência e pouca consistência normativa; e o negligente se caracteriza por reduzido envolvimento afetivo e baixa supervisão (Baumrind, 1971; Maccoby; Martin, 1983; Fadlillah; Fauziah, 2022).

Esses estilos não devem ser interpretados de forma mecânica ou determinista. O desenvolvimento socioemocional é produzido por múltiplas variáveis, incluindo temperamento infantil, qualidade dos vínculos familiares, experiências escolares, condições socioeconômicas, redes de apoio, cultura, gênero e acesso a políticas públicas. Ainda assim, a literatura tem indicado que estilos parentais mais responsivos e consistentes tendem a se associar a melhores indicadores de adaptação psicológica, competência social, autoestima e regulação emocional, enquanto padrões marcados por coerção, negligência ou inconsistência podem ampliar dificuldades emocionais e comportamentais (Yaffe, 2023; Lanjekar et al., 2022; Marie-Mitchell; Delgado; Gilgoff, 2024).

A relevância do tema se amplia quando se observa que o desenvolvimento socioemocional infantojuvenil envolve dimensões fundamentais para a vida psicológica e social, como identificação e expressão das emoções, autorregulação, empatia, habilidades sociais, autoestima, cooperação, comportamento pró-social e capacidade de estabelecer vínculos seguros. Tais competências são importantes para a adaptação escolar, para a qualidade das relações entre pares, para a saúde mental e para a construção progressiva da autonomia (Alegre, 2011; Salavera; Usán; Quilez-Robres, 2022; Zhu et al., 2025).

Apesar do avanço da produção científica sobre parentalidade, ainda persistem desafios na sistematização dos achados. Muitos estudos investigam desfechos específicos, como ansiedade,

autoestima, habilidades sociais ou comportamento, sem integrar suficientemente as dimensões emocionais, relacionais e contextuais do desenvolvimento. Além disso, há diversidade de instrumentos, faixas etárias, delineamentos, contextos culturais e conceitos empregados, o que exige cautela na interpretação dos resultados (Khanum et al., 2023; Khadka et al., 2025; McMahon et al., 2025).

Diante desse cenário, este estudo teve como objetivo analisar, por meio de uma revisão integrativa da literatura, as relações entre estilos parentais e desenvolvimento socioemocional infantojuvenil. Especificamente, buscou-se identificar os principais estilos parentais descritos na literatura científica, descrever suas associações com dimensões socioemocionais, como regulação emocional, habilidades sociais, autoestima e comportamento, e discutir implicações dos achados para intervenções psicológicas e ações de suporte à parentalidade.

Fundamentação Teórica

Parentalidade, família e desenvolvimento humano

A parentalidade pode ser compreendida como um conjunto de funções, práticas, vínculos e responsabilidades exercidas por cuidadores no processo de cuidado, educação, proteção e socialização de crianças e adolescentes. Trata-se de uma experiência mediadas por fatores afetivos, culturais, sociais, históricos e econômicos. Por isso, a parentalidade não se reduz a características individuais dos pais ou responsáveis, mas expressa modos de cuidado construídos em contextos concretos de vida (Campos; Melo, 2022; Bakman; Uziel, 2022).

A família, nesse percurso, atua como ambiente primário de socialização. É nesse espaço que a criança aprende formas iniciais de comunicação, modos de expressar emoções, limites de convivência, padrões de reciprocidade e expectativas sobre si mesma e sobre os outros. A qualidade dessas interações pode favorecer segurança, autonomia, confiança e competência social, mas também pode contribuir para insegurança, medo, inibição emocional ou dificuldades relacionais quando marcada por negligência, violência, instabilidade ou ausência de

responsividade (Bowlby, 2023; Lanjekar et al., 2022).

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano contribui para compreender que as práticas familiares estão inseridas em sistemas mais amplos. O microsistema familiar interage com escola, comunidade, trabalho dos cuidadores, políticas públicas e condições socioeconômicas. Dessa forma, compreender os estilos parentais exige analisar não apenas o comportamento dos pais, mas também os recursos, sobrecargas, redes de apoio e expectativas culturais que organizam a experiência de cuidado (Vaugh; Guhn, 2024; Marie-Mitchell; Delgado; Gilgoff, 2024).

No contexto brasileiro, essa leitura contextual é especialmente necessária. Famílias vivem realidades diversas quanto a renda, escolaridade, acesso a serviços, jornadas de trabalho, composição familiar, suporte social e divisão de tarefas de cuidado. Assim, uma análise psicológica ética da parentalidade deve evitar culpabilizar famílias de modo simplista. O foco precisa estar na compreensão dos vínculos e práticas parentais em relação com as condições concretas nas quais essas famílias vivem (Silva, 2025; Fumagalli et al., 2025).

Estilos parentais e práticas educativas

Os estilos parentais correspondem a padrões globais de interação entre cuidadores e filhos. Enquanto as práticas educativas se referem a comportamentos específicos, como monitorar tarefas, estabelecer regras, aplicar consequências, dialogar ou punir, os estilos parentais expressam o clima emocional no qual essas práticas ocorrem. Assim, uma mesma prática pode produzir efeitos diferentes conforme seja realizada em um contexto de diálogo, coerência e afeto ou em um contexto de medo, humilhação e rigidez (Darling; Steinberg, 1993; McMahon et al., 2025).

O estilo autoritativo, também denominado democrático em parte da literatura, caracteriza-se pela combinação entre responsividade e exigência. Pais ou cuidadores autoritativos tendem a demonstrar afeto, escuta, apoio emocional e abertura ao diálogo, ao mesmo tempo em que estabelecem limites claros, expectativas consistentes e supervisão adequada. Esse equilíbrio favorece a construção de autonomia progressiva sem abandono emocional ou ausência de

orientação (Baumrind, 1971; Fadlillah; Fauziah, 2022).

O estilo autoritário, por sua vez, apresenta elevada exigência e baixa responsividade. Nesse padrão, predominam controle rígido, obediência, punição, pouca negociação e menor consideração pelas necessidades emocionais da criança ou do adolescente. Embora possa produzir conformidade comportamental em curto prazo, tende a se associar a medo, baixa expressão emocional, menor autonomia e dificuldades na construção de relações baseadas em confiança (Baumrind, 1971; Khanum et al., 2023).

O estilo permissivo ou indulgente apresenta maior afeto e menor exigência. Nessa configuração, os cuidadores podem ser acolhedores, mas têm dificuldade em estabelecer limites, manter regras e sustentar consequências. A ausência de consistência normativa pode dificultar o desenvolvimento de autocontrole, tolerância à frustração e responsabilidade progressiva. Já o estilo negligente se caracteriza por baixa responsividade e baixa exigência, indicando reduzido envolvimento afetivo, escassa supervisão e pouca disponibilidade parental, fatores associados a maior vulnerabilidade socioemocional (Maccoby; Martin, 1983; Fadlillah; Fauziah, 2022; Lanjekar et al., 2022).

Na literatura contemporânea tem-se ampliado essa discussão ao incluir variáveis como socialização emocional, autoeficácia parental, diferenças de gênero, papel paterno, cultura e contextos de adversidade. Isso indica que os estilos parentais precisam ser analisados em articulação com práticas concretas e condições sociais, evitando uma classificação rígida que desconsidere as singularidades familiares (Agbaria; Mahamid, 2023; Yaffe, 2023; Fumagalli et al., 2025).

Desenvolvimento socioemocional infantojuvenil

O desenvolvimento socioemocional refere-se à construção progressiva de competências que permitem à criança e ao adolescente reconhecer, expressar, compreender e regular emoções, estabelecer relações interpessoais, desenvolver empatia, lidar com frustrações, construir

autoestima e adaptar-se a diferentes contextos sociais. Essas competências não emergem de forma automática; são constituídas por meio de experiências relacionais repetidas, modelos observados, oportunidades de comunicação emocional e respostas recebidas dos adultos significativos (Alegre, 2011; Salavera; Usán; Quilez-Robres, 2022). A regulação emocional ocupa lugar central nesse processo. Crianças que convivem com cuidadores responsivos tendem a encontrar maior suporte para nomear emoções, compreender estados internos e construir estratégias de enfrentamento. Em contrapartida, ambientes nos quais as emoções são punidas, minimizadas ou ignoradas podem dificultar a expressão emocional e favorecer desregulação, ansiedade, agressividade ou retraimento (Mortazavizadeh; Göllner; Forstmeier, 2022; Agami-Turjeman; Estlein, 2025).

As habilidades sociais também são desenvolvidas em interação com o ambiente familiar. A criança aprende formas de cooperação, escuta, negociação, empatia e resolução de conflitos a partir das relações que vivencia e observa. Nesse sentido, o clima emocional da família pode favorecer comportamentos pró-sociais e relações entre pares mais saudáveis, especialmente quando os cuidadores valorizam diálogo, reconhecimento das emoções e respeito às diferenças (Sargent; Jaswal, 2022; Zhu et al., 2025).

A autoestima, por sua vez, relaciona-se às experiências de reconhecimento, aceitação, competência e pertencimento. Relações familiares marcadas por acolhimento, limites coerentes e comunicação respeitosa podem fortalecer a percepção positiva de si, enquanto práticas coercitivas, críticas excessivas, negligência ou inconsistência podem contribuir para sentimentos de inadequação e vulnerabilidade emocional (Yaffe; Karny, 2026; Khadka et al., 2025).

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, desenvolvida por meio de revisão integrativa da literatura. A revisão integrativa permite reunir, analisar e sintetizar estudos com diferentes delineamentos metodológicos, favorecendo uma compreensão ampla do fenômeno investigado e contribuindo para a organização do conhecimento científico

disponível sobre determinada temática (Souza; Silva; Carvalho, 2010; Lakatos; Marconi, 2021).

A escolha por esse tipo de revisão justifica-se pelo objetivo de integrar evidências sobre as relações entre estilos parentais e desenvolvimento socioemocional infantojuvenil, considerando estudos empíricos, teóricos e de revisão que abordam práticas parentais, parentalidade, vínculos familiares, regulação emocional, habilidades sociais, autoestima e comportamento. Desse modo, a revisão integrativa mostrou-se adequada por permitir a aproximação entre diferentes perspectivas teóricas e metodológicas sobre o tema.

A questão norteadora que orientou o estudo foi: quais evidências científicas descrevem a relação entre estilos parentais e desenvolvimento socioemocional de crianças e adolescentes? A partir dessa pergunta, foram definidos os descritores, bases de dados, critérios de elegibilidade, estratégia de busca, processo de seleção dos estudos e forma de análise dos dados.

Bases de dados e estratégia de busca

A busca dos estudos foi realizada no primeiro semestre de 2026 em quatro bases de dados eletrônicas reconhecidas nas áreas da saúde, Psicologia e ciências humanas: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), PubMed/National Library of Medicine e Portal de Periódicos CAPES. A seleção dessas bases considerou sua abrangência, relevância científica e possibilidade de localizar produções nacionais e internacionais relacionadas à parentalidade e ao desenvolvimento infantojuvenil.

Nas bases BVS, SciELO e Portal de Periódicos CAPES, foram utilizados descritores em língua portuguesa, selecionados a partir dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), tais como: “estilos parentais”, “desenvolvimento infantil”, “desenvolvimento socioemocional” e “relação pais-filhos”. Na base PubMed, foram utilizados descritores equivalentes em língua inglesa, a partir dos Medical Subject Headings (MeSH) e termos livres correlatos: “parenting styles”, “child development”, “socioemotional development” e “parent-child relations”. Os descritores foram combinados por meio do operador booleano AND, com adaptações conforme as especificidades

de cada plataforma.

Quadro 1. Estratégias gerais de busca utilizadas na revisão

Base de dados	Descritores/termos utilizados	Combinações gerais
BVS	estilos parentais; desenvolvimento infantil; desenvolvimento socioemocional; relação pais-filhos	“estilos parentais” AND “desenvolvimento infantil”; “estilos parentais” AND “desenvolvimento socioemocional”; “relação pais-filhos” AND “desenvolvimento infantil”
SciELO	estilos parentais; parentalidade; desenvolvimento infantil; relações pais-filhos	“estilos parentais” AND “desenvolvimento infantil”; “parentalidade” AND “desenvolvimento socioemocional”
PubMed	parenting styles; child development; socioemotional development; parent-child relations	“parenting styles” AND “child development”; “parenting styles” AND “socioemotional development”; “parent-child relations” AND “emotional regulation”
Portal CAPES	estilos parentais; práticas parentais; parentalidade; desenvolvimento socioemocional	“estilos parentais” AND “desenvolvimento socioemocional”; “práticas parentais” AND “crianças” AND “adolescentes”

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026).

CrITÉRIOS de inclusão e exclusão

Inicialmente, foram identificados 78 estudos potencialmente relevantes: 17 na BVS, 12 no Portal de Periódicos CAPES, 40 na PubMed e 9 na SciELO. Após aplicação dos filtros de período, 73 estudos permaneceram para triagem. Na etapa de leitura dos títulos e resumos, 32 estudos foram selecionados para avaliação mais aprofundada. Em seguida, os artigos foram lidos na íntegra e avaliados conforme os critérios de elegibilidade. Foram excluídos 22 estudos nessa fase, dos quais 14 apresentavam acesso restrito ao texto completo, 7 não respondiam diretamente ao objetivo do estudo e 1 apresentava inconsistências metodológicas importantes. Ao final, 10 estudos compuseram a amostra final da revisão integrativa. Foram considerados como critérios de inclusão: a) artigos científicos disponíveis na íntegra; b) estudos publicados em língua portuguesa ou inglesa; c) publicações com recorte temporal entre 2021 e 2026; d) artigos que abordassem diretamente a relação entre estilos parentais, práticas parentais ou parentalidade e o desenvolvimento socioemocional de crianças e/ou adolescentes; e) estudos empíricos, teóricos ou de revisão com pertinência para a temática; e f) publicações compatíveis com o objetivo da pesquisa.

Foram adotados como critérios de exclusão: a) artigos duplicados entre as bases de dados; b) estudos que abordassem exclusivamente o desenvolvimento infantil sem relação direta com estilos parentais, práticas parentais ou parentalidade; c) produções não científicas, como editoriais, resenhas, opiniões e materiais sem rigor metodológico; d) estudos indisponíveis na íntegra; e e) artigos que, após leitura do título, resumo ou texto completo, não respondessem à questão norteadora ou ao objetivo da pesquisa.

Processo de seleção e análise dos estudos

O processo de seleção dos artigos foi organizado em etapas inspiradas nas recomendações do PRISMA: identificação dos estudos nas bases de dados, aplicação de filtros, triagem por leitura de títulos e resumos, avaliação de elegibilidade por leitura na íntegra e inclusão dos estudos finais na revisão.

Para extração dos dados, foi elaborada uma matriz contendo as seguintes informações: título do estudo, autores, ano de publicação, objetivo, tipo de estudo, população ou contexto investigado, principais resultados e contribuição para a questão norteadora. A análise dos dados foi realizada por meio de análise de conteúdo, técnica que permite identificar, organizar e interpretar núcleos de sentido presentes nos estudos selecionados (Bardin, 2016).

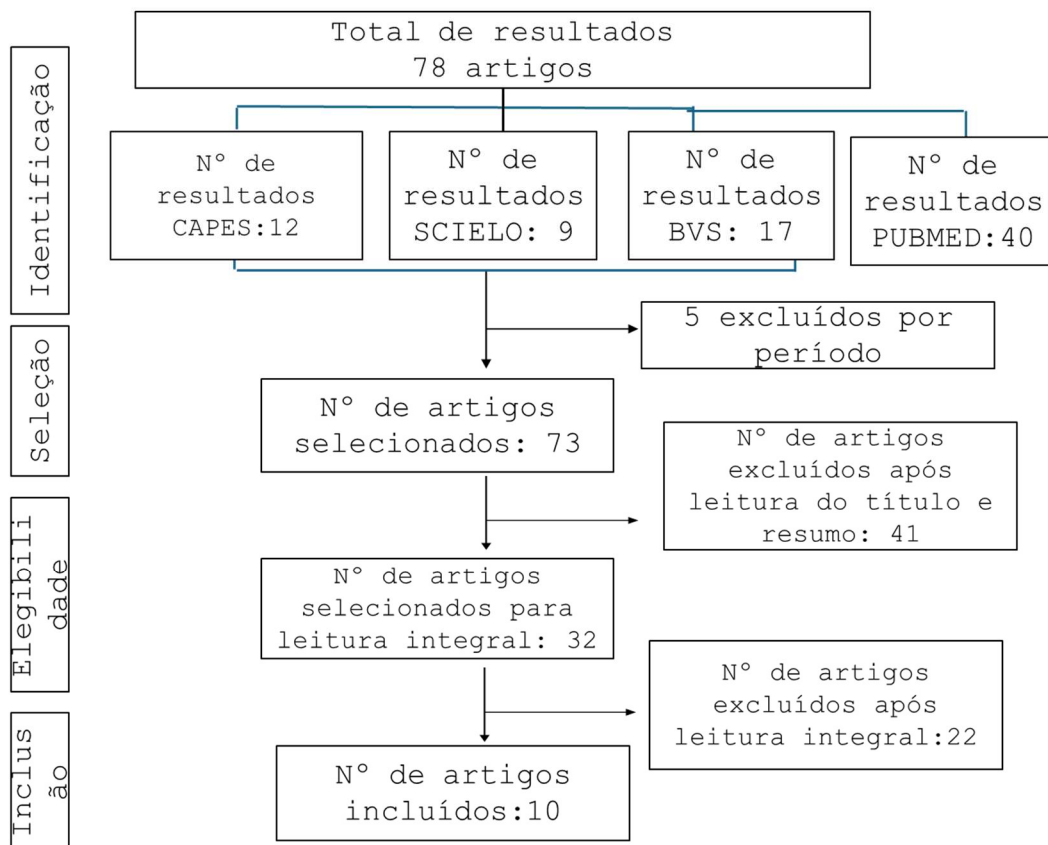
As categorias analíticas foram construídas a partir da leitura dos artigos e da aproximação entre seus principais achados. Foram organizados quatro eixos de discussão: a) estilos parentais, vínculo afetivo e regulação emocional; b) práticas parentais, habilidades sociais e relações entre pares; c) autoestima, comportamento e vulnerabilidades socioemocionais; e d) implicações para a atuação psicológica e para ações de suporte à parentalidade.

Por se tratar de revisão integrativa da literatura, sem coleta direta de dados com seres humanos, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Ainda assim, foram observados princípios éticos relacionados ao uso responsável das fontes, à fidelidade às ideias dos autores consultados e à apresentação transparente dos procedimentos metodológicos.

Resultados

O percurso metodológico de extração e seleção de dados estão apresentados na figura 1.

Figura 1. Fluxograma com a síntese do processo de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos



Fonte: Adaptado pelas autoras com base no modelo PRISMA (2026).

Os 10 estudos incluídos na revisão abordaram diferentes dimensões da parentalidade e do desenvolvimento socioemocional infantojuvenil. De modo geral, os artigos analisados indicaram convergência em torno da importância de práticas parentais responsivas, afetivas e consistentes para a promoção de competências emocionais, sociais e comportamentais. O estilo autoritativo apareceu como o padrão mais associado a indicadores positivos, enquanto estilos autoritário, permissivo e negligente foram relacionados a dificuldades de regulação emocional, problemas de comportamento, baixa autoestima e fragilidades nas relações interpessoais (Quadro 2).

Quadro 2. Síntese dos estudos incluídos na revisão integrativa

Estudo	Autores/ano	Objetivo	Principais achados	Contribuição para a revisão
Exploring the Effect of Parental Styles on Social Skills: The Mediating Role of Affects	Salavera, Usán e Quilez-Robres (2022)	Examinar o efeito dos estilos parentais nas habilidades sociais de crianças e adolescentes, considerando o papel mediador dos afetos positivo e negativo.	O estilo autoritativo associou-se a maiores níveis de afeto positivo e melhores habilidades sociais. Estilos autoritário e negligente vincularam-se a maior afeto negativo e menor competência social.	Mostra que o clima afetivo familiar atua como mecanismo importante entre parentalidade e habilidades sociais.
Emotional competence, attachment, and parenting styles in children and parents	Mortazavizadeh, Göllner e Forstmeier (2022)	Investigar associações entre estilos parentais, competência emocional e apego em díades pais-filhos.	O estilo autoritativo relacionou-se positivamente à competência emocional e ao apego seguro. Estilos autoritário e permissivo foram associados a dificuldades de regulação emocional.	Integra estilos parentais, apego e competência emocional, reforçando a relevância dos vínculos seguros.
“It’s okay if you flap your hands”: Non-autistic children do not object to individual unconventional behaviors associated with autism	Sargent e Jaswal (2022)	Examinar se crianças sem autismo rejeitam comportamentos não convencionais associados ao autismo e o papel da comunicação parental nesses julgamentos.	As crianças tenderam a aceitar comportamentos não convencionais quando os pais os apresentavam como formas diferentes e legítimas de agir.	Contribui para discutir socialização parental, empatia, aceitação das diferenças e inclusão social.
The association between parenting styles, maternal self-efficacy, and social and emotional adjustment among Arab preschool children	Agbaria e Mahamid (2023)	Analisar a relação entre estilos parentais, autoeficácia materna e ajustamento socioemocional de crianças pré-escolares em contexto árabe.	O estilo autoritativo previu melhor ajustamento social e emocional. A autoeficácia materna mediou parcialmente essa relação.	Evidencia que fortalecer a confiança parental pode favorecer práticas educativas mais responsivas.
Adversity, engagement, and later achievement: The role of emotion regulation and parent-child relationship quality	Mullins e Panlilio (2023)	Investigar se a qualidade da relação pais-filhos e a regulação emocional moderam efeitos da adversidade precoce sobre engajamento e desempenho posterior.	Relações pais-filhos de maior qualidade funcionaram como fator protetivo em contextos de adversidade, favorecendo regulação emocional e engajamento escolar.	Mostra que a parentalidade responsiva pode reduzir impactos negativos de riscos psicossociais.
Adolescent Peer Relationship Difficulties, Prosociality, and	Zhu et al. (2025)	Avaliar como a socialização emocional parental modera a relação entre dificuldades com	A socialização emocional apoiadora favoreceu a pró-socialidade, enquanto respostas punitivas ou minimizadoras intensificaram dificuldades relacionais.	Amplia a análise para adolescência, relações entre pares e diferenças de gênero.

Estudo	Autores/ano	Objetivo	Principais achados	Contribuição para a revisão
Parental Emotion Socialization		pares e comportamento pró-social em adolescentes.		
Child Social and Emotional Adjustment to First Grade: The Role of Emotion-Focused Parenting	Agami-Turjeman e Estlein (2025)	Examinar o papel da parentalidade focada nas emoções no ajustamento socioemocional de crianças no ingresso ao primeiro ano escolar.	Práticas de validação, nomeação e regulação emocional associaram-se a menos problemas internalizantes e externalizantes e maior competência social.	Destaca a importância do coaching emocional parental na transição escolar.
Evolução da paternidade e desenvolvimento do indivíduo na infância no Paraná	Silva (2025)	Analisar transformações da paternidade e suas repercussões no desenvolvimento infantil no Paraná.	A ampliação do envolvimento paterno em cuidados e suporte emocional relacionou-se a autoestima, habilidades sociais e menor incidência de problemas de comportamento.	Contribui com perspectiva nacional e histórica sobre paternidade e desenvolvimento.
Estilos parentais e práticas educativas na perspectiva da díade pai-filho(a)	Fumagalli et al. (2025)	Descrever estilos parentais e práticas educativas a partir da percepção conjunta de pais e filhos, com foco na figura paterna.	O estilo autoritativo foi associado a melhores indicadores socioemocionais. Práticas inconsistentes e autoritárias prejudicaram comunicação e confiança.	Valoriza a percepção da díade e a importância da escuta dos filhos na avaliação das práticas parentais.
The Role of Emotion Dysregulation and Self-Esteem in the Relationships Between Parenting Styles and Adolescents' Impostor Feelings	Yaffe e Karny (2026)	Testar modelo de mediação em que desregulação emocional e autoestima explicam relações entre estilos parentais e sentimentos de impostura em adolescentes.	O estilo autoritativo reduziu sentimentos de impostura indiretamente, por maior autoestima e menor desregulação emocional. Estilos autoritário e permissivo elevaram vulnerabilidades.	Aprofunda a relação entre parentalidade, autoestima, regulação emocional e sofrimento subjetivo na adolescência.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026).

A amostra final incluiu estudos internacionais e nacionais, com diferentes delineamentos e focos de análise. Alguns investigaram diretamente os estilos parentais e suas relações com habilidades sociais, competência emocional e ajustamento socioemocional. Outros tiveram como foco aspectos específicos, como socialização emocional, autoeficácia materna, qualidade da relação pais-filhos, paternidade, autoestima e sentimentos de impostura. Essa diversidade permitiu uma leitura ampliada do fenômeno, mas também exigiu atenção à heterogeneidade conceitual entre estilos parentais, práticas educativas e socialização emocional (Quadro 2).

Discussão

Estilos parentais, vínculo afetivo e regulação emocional

Os resultados indicam que o estilo parental autoritativo ocupa posição central na literatura analisada. Esse estilo aparece associado a melhores indicadores de competência emocional, apego seguro, autoestima, habilidades sociais e ajustamento. Tal associação pode ser compreendida pelo equilíbrio entre afeto e limite: a criança encontra acolhimento para expressar emoções, mas também encontra orientação para regular comportamentos, lidar com frustrações e respeitar regras de convivência (Baumrind, 1971; Mortazavizadeh; Göllner; Forstmeier, 2022; Agbaria; Mahamid, 2023).

A regulação emocional foi uma das dimensões mais consistentes entre os estudos. Quando os cuidadores respondem às emoções infantis com escuta, nomeação, validação e orientação, favorecem a aprendizagem de estratégias de autorregulação. Essa postura não significa ausência de limites, mas um modo de estabelecer limites preservando a comunicação e a segurança afetiva. Os estudos de Agami-Turjeman e Estlein (2025) e de Zhu et al. (2025) reforçam que a parentalidade focada nas emoções e a socialização emocional apoiadora se associam a melhor ajustamento social e menor risco de dificuldades internalizantes e externalizantes.

A Teoria do Apego contribui para interpretar esses achados, pois vínculos seguros oferecem à criança uma base emocional que favorece exploração, autonomia e confiança (Bowlby,

2023). Quando a criança percebe seus cuidadores como disponíveis e responsivos, tende a desenvolver maior segurança para enfrentar desafios e regular estados emocionais. Em contrapartida, vínculos marcados por rejeição, imprevisibilidade ou negligência podem contribuir para insegurança, hipervigilância, retraimento ou dificuldades de expressão emocional (Mortazavizadeh; Göllner; Forstmeier, 2022).

Os estilos autoritário, permissivo e negligente apresentaram associações menos favoráveis. O estilo autoritário pode limitar a expressão emocional ao valorizar obediência e controle rígido, reduzindo oportunidades de diálogo e construção de autonomia. O estilo permissivo pode fragilizar a autorregulação pela ausência de limites consistentes. Já o estilo negligente representa risco mais amplo, pois combina baixa responsividade e baixa supervisão, podendo comprometer segurança afetiva, pertencimento e proteção (Fadlillah; Fauziah, 2022; Lanjekar et al., 2022; Khanum et al., 2023).

Entretanto, é necessário evitar interpretações deterministas. A presença de um estilo parental não produz automaticamente determinado desfecho psicológico. O desenvolvimento é mediado por fatores individuais, familiares, escolares, culturais e socioeconômicos. Assim, os estilos parentais devem ser compreendidos como fatores de risco ou proteção, e não como causas únicas do desenvolvimento socioemocional (Waugh; Guhn, 2024; Marie-Mitchell; Delgado; Gilgoff, 2024).

Práticas parentais, habilidades sociais e relação entre pares

As habilidades sociais constituem uma dimensão fundamental do desenvolvimento socioemocional, pois permitem à criança e ao adolescente interagir, cooperar, resolver conflitos, expressar necessidades, reconhecer emoções alheias e construir relações mais saudáveis. Os estudos analisados indicam que a qualidade da interação familiar repercute diretamente sobre essas competências, especialmente quando os cuidadores oferecem modelos de comunicação respeitosa, acolhimento emocional e limites coerentes (Salavera; Usán; Quilez-Robres, 2022; Zhu et al.,

2025).

No estudo de Salavera, Usán e Quilez-Robres (2022), os afetos positivo e negativo aparecem como mediadores entre estilos parentais e habilidades sociais. Isso significa que o efeito da parentalidade sobre as relações sociais não ocorre apenas por regras explícitas, mas pelo clima emocional que a criança experimenta em casa. Ambientes familiares que favorecem afeto positivo tendem a facilitar aproximação social, confiança, cooperação e expressão emocional. Já ambientes marcados por afeto negativo podem intensificar insegurança, irritabilidade e dificuldades interpessoais.

A socialização emocional parental também se mostra relevante na adolescência. Zhu et al. (2025) indicam que respostas parentais apoiadoras, como acolher, conversar e ajudar o adolescente a compreender suas emoções, podem fortalecer comportamentos pró-sociais, especialmente em contextos de dificuldades com pares. Em oposição, respostas punitivas ou minimizadoras podem agravar isolamento, insegurança e conflitos interpessoais. Esse dado é importante porque demonstra que a parentalidade continua relevante na adolescência, ainda que as relações com pares ganhem maior centralidade.

O estudo de Sargent e Jaswal (2022), embora tenha foco específico na aceitação de comportamentos associados ao autismo, contribui para ampliar a compreensão da família como espaço de aprendizagem de empatia e inclusão. Quando os pais apresentam diferenças comportamentais como legítimas e compreensíveis, as crianças tendem a responder com maior aceitação. Esse achado dialoga com a ideia de que a parentalidade também participa da formação de atitudes sociais, valores de convivência e abertura à diversidade.

Esses resultados sugerem que intervenções psicológicas voltadas à parentalidade podem incluir orientação sobre comunicação emocional, manejo de conflitos, escuta ativa e modelagem de comportamentos pró-sociais. Não se trata apenas de ensinar técnicas disciplinares, mas de fortalecer formas de relação que ajudem crianças e adolescentes a reconhecerem emoções, negociarem limites e conviverem com diferenças.

Autoestima, comportamento e vulnerabilidades socioemocionais

A autoestima aparece como outra dimensão relevante nos estudos analisados. Relações familiares marcadas por aceitação, reconhecimento e limites coerentes tendem a favorecer a construção de uma percepção mais positiva de si. Em contrapartida, críticas excessivas, coerção, negligência ou inconsistência podem contribuir para sentimentos de inadequação, baixa confiança e maior vulnerabilidade emocional (Yaffe; Karny, 2026; Khadka et al., 2025).

O estudo de Yaffe e Karny (2026) contribui de forma específica ao demonstrar que desregulação emocional e autoestima podem mediar a relação entre estilos parentais e sentimentos de impostura em adolescentes. O estilo autoritativo aparece como fator protetivo ao favorecer autoestima e reduzir desregulação emocional. Já estilos autoritário e permissivo se associam a maior vulnerabilidade, indicando que, tanto o excesso de controle, quanto a baixa consistência pode dificultar a construção de segurança pessoal.

Fumagalli et al. (2025) reforçam esse entendimento ao analisar a díade pai-filho(a), evidenciando que relações mais dialógicas e equilibradas favorecem comunicação, confiança e desenvolvimento socioemocional. A inclusão da perspectiva dos filhos é um ponto importante, pois amplia a compreensão da parentalidade para além do relato dos adultos. A forma como crianças e adolescentes percebem as práticas parentais influencia a experiência subjetiva de apoio, controle, autonomia e pertencimento.

No contexto da paternidade, Silva (2025) aponta transformações relevantes na participação paterna. A passagem de um modelo mais distante e centrado na autoridade para formas mais envolvidas, afetivas e participativas de cuidado pode trazer benefícios ao desenvolvimento socioemocional infantil. Esse dado é importante porque historicamente a parentalidade foi frequentemente associada à figura materna, enquanto a função paterna aparecia menos investigada. A ampliação do olhar para a paternidade permite compreender de modo mais complexo as relações familiares contemporâneas.

As vulnerabilidades socioemocionais associadas a estilos parentais menos responsivos não

devem ser lidas como falhas morais dos cuidadores. Muitas famílias enfrentam sobrecarga, precarização do trabalho, ausência de rede de apoio, adoecimento psíquico, desigualdades sociais e limitações de acesso a serviços. Desse modo, a Psicologia precisa atuar de forma contextualizada, evitando culpabilização e buscando fortalecer recursos familiares, vínculos afetivos e estratégias de cuidado possíveis em cada realidade (Marie-Mitchell; Delgado; Gilgoff, 2024; Silva, 2025).

Implicações para a atuação psicológica e para ações de suporte à parentalidade

Embora os estudos internacionais apresentem convergência quanto aos benefícios do estilo autoritativo, é necessário cautela ao transpor modelos teóricos entre diferentes culturas. Práticas educativas são influenciadas por normas sociais, expectativas de obediência, concepções de infância, modelos de autoridade, religião, gênero, classe social e história familiar. Assim, uma prática interpretada como controle excessivo em determinado contexto pode adquirir significados distintos em outro, ainda que isso não justifique práticas violentas, humilhantes ou negligentes (Hussain et al., 2023; Waugh; Guhn, 2024).

No Brasil, a parentalidade precisa ser analisada em relação às desigualdades sociais, à sobrecarga materna, à ampliação gradual da participação paterna, às diferentes configurações familiares e ao acesso desigual a serviços de saúde, educação e assistência social. Essa leitura impede que os estilos parentais sejam tratados como escolhas individuais descoladas das condições concretas de vida. Ao mesmo tempo, permite reconhecer que políticas de fortalecimento de vínculos, licença parental, educação socioemocional e orientação familiar podem produzir efeitos protetivos importantes (Silva, 2025; Fumagalli et al., 2025).

A distinção entre estilo parental e prática parental também é relevante para evitar generalizações. Uma família pode apresentar práticas rígidas em determinados momentos e, ainda assim, manter vínculos afetivos responsivos; ou pode expressar afeto, mas ter dificuldades de estabelecer limites consistentes. Na análise psicológica é necessário considerar frequência, intensidade, contexto, significado e efeito das práticas sobre a criança ou adolescente (Darling;

Steinberg, 1993; McMahon et al., 2025). Dessa forma, os achados da literatura não devem ser utilizados para rotular famílias, mas para orientar intervenções mais sensíveis. O objetivo da aplicação da Psicologia não é enquadrar pais e mães em categorias fixas, e sim compreender padrões relacionais, identificar fatores de risco e proteção e promover possibilidades de cuidado mais seguras, respeitosas e consistentes.

Os resultados da revisão têm implicações importantes para a atuação do psicólogo em diferentes contextos. Na clínica, a avaliação de crianças e adolescentes deve considerar padrões de interação familiar, qualidade dos vínculos, formas de comunicação, manejo de limites, respostas às emoções e presença de fatores de estresse parental. Essa compreensão evita intervenções centradas apenas no sintoma individual e favorece uma leitura mais ampla do sofrimento psíquico (McMahon et al., 2025).

Na escola, o psicólogo pode contribuir com ações de educação socioemocional, orientação a famílias, mediação entre família e instituição, prevenção de violência e promoção de habilidades sociais. A transição para novas etapas escolares, como ingresso no primeiro ano, pode ser acompanhada por intervenções que ajudem pais e cuidadores a reconhecer emoções, sustentar rotinas, apoiar autonomia e responder de forma acolhedora às dificuldades infantis (Agami-Turjeman; Estlein, 2025).

Nos serviços de assistência social e políticas públicas, a atuação psicológica pode favorecer o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, a prevenção de negligência e violência, a construção de redes de apoio e a promoção de parentalidade positiva. Nesses contextos, é fundamental que as intervenções não culpabilizem famílias em situação de vulnerabilidade, mas reconheçam as condições sociais que permeiam o exercício da parentalidade (Marie-Mitchell; Delgado; Gilgoff, 2024; Silva, 2025).

Programas de orientação parental podem priorizar dimensões como responsividade emocional, comunicação clara, consistência de limites, resolução não violenta de conflitos, reconhecimento das emoções, participação paterna e fortalecimento da autoeficácia parental. O

estudo de Agbaria e Mahamid (2023) evidencia que a autoeficácia materna se associa ao ajustamento socioemocional infantil, sugerindo que cuidadores que se percebem mais capazes tendem a adotar práticas mais responsivas e organizadas.

Portanto, a contribuição das práticas do profissional de Psicologia está em articular conhecimento científico, escuta qualificada e sensibilidade contextual. O trabalho com famílias deve reconhecer que parentalidade envolve aprendizagem, apoio, história de vida, vínculos e condições concretas. Intervir nesse campo exige ética, cuidado e compromisso com o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes.

Limitações dos estudos analisados e lacunas para novas pesquisas

A partir das análises dos estudos selecionados para esta revisão identificou-se limitações importantes. Muitos trabalhos utilizam delineamentos transversais, o que restringe inferências causais. Embora seja possível observar associações entre estilos parentais e indicadores socioemocionais, não se pode afirmar, de forma simples, que determinado estilo produz diretamente determinado resultado. Estudos longitudinais seriam importantes para compreender como os efeitos da parentalidade se organizam ao longo do tempo (Mullins; Panlilio, 2023; Yaffe; Karny, 2026).

Outra limitação recorrente refere-se ao uso de instrumentos de autorrelato. Embora sejam recursos úteis, podem estar sujeitos a vieses de desejabilidade social, memória e percepção subjetiva. Pais, mães, crianças e adolescentes podem relatar as práticas familiares de modos diferentes. Por isso, estudos que integrem múltiplos informantes, observação direta e métodos qualitativos podem contribuir para uma compreensão mais profunda da dinâmica familiar (Fumagalli et al., 2025; McMahon et al., 2025).

Também se observa heterogeneidade conceitual entre estilos parentais, práticas parentais, socialização emocional e parentalidade positiva. Em alguns estudos, esses conceitos aparecem de forma aproximada, o que pode dificultar a comparação dos resultados. Pesquisas futuras podem se

beneficiar de maior precisão conceitual e metodológica, distinguindo padrões globais de relação, práticas específicas e respostas parentais às emoções dos filhos.

Por fim, ainda são necessárias mais pesquisas brasileiras sobre estilos parentais e desenvolvimento socioemocional em diferentes regiões, classes sociais, configurações familiares e contextos institucionais. Estudos nacionais podem ampliar a compreensão sobre parentalidade no Brasil, considerando desigualdades, redes de apoio, cultura, gênero, escola e políticas públicas.

Considerações Finais

Nesta revisão integrativa teve-se como objetivo analisar as relações entre estilos parentais e desenvolvimento socioemocional infantojuvenil. A partir dos estudos selecionados, observou-se que os estilos parentais constituem fatores relevantes para a compreensão de competências emocionais, habilidades sociais, autoestima, comportamento, ajustamento escolar e relações entre pares. O estilo autoritativo ou democrático destacou-se como o padrão mais associado a desfechos favoráveis, por articular afeto, responsividade, comunicação, supervisão e limites consistentes.

Em contrapartida, estilos autoritário, permissivo e negligente apareceram associados a maiores dificuldades socioemocionais. O estilo autoritário pode restringir a expressão emocional e a autonomia; o permissivo pode dificultar a construção de autocontrole e responsabilidade; e o negligente pode comprometer segurança afetiva, supervisão e pertencimento. No entanto, tais relações devem ser compreendidas de modo contextualizado, pois o desenvolvimento infantojuvenil resulta da interação entre fatores familiares, individuais, escolares, culturais e socioeconômicos.

Os achados também demonstram que dimensões como regulação emocional, socialização das emoções, qualidade da relação pais-filhos, autoeficácia parental, participação paterna e autoestima são fundamentais para compreender os efeitos da parentalidade. Assim, a análise dos estilos parentais precisa ultrapassar classificações rígidas e considerar os modos concretos pelos quais as famílias acolhem emoções, estabelecem limites, comunicam expectativas e constroem

vínculos.

Para a Psicologia, os resultados reforçam a importância de intervenções clínicas, escolares e comunitárias voltadas ao fortalecimento de vínculos familiares, à orientação parental e à promoção de práticas educativas não violentas, responsivas e consistentes. Tais intervenções devem evitar culpabilização das famílias e considerar as condições concretas de vida, redes de apoio e desigualdades sociais que atravessam o exercício da parentalidade. Como limitação, destaca-se a heterogeneidade metodológica dos estudos incluídos, bem como a predominância de delineamentos transversais e autorrelatos. Recomenda-se que futuras pesquisas aprofundem investigações longitudinais, ampliem amostras brasileiras e considerem diferentes configurações familiares e contextos socioculturais. Ainda assim, o estudo evidencia que os estilos parentais são elementos centrais para a promoção do desenvolvimento socioemocional e para a construção de práticas psicológicas comprometidas com o cuidado, a prevenção e a saúde mental infantojuvenil.

Referências

- Agami-Turjeman, S., & Estlein, R. (2025). Child social and emotional adjustment to first grade: The role of emotion-focused parenting. *Behavioral Sciences*, 15(7), Article 855. <https://doi.org/10.3390/bs15070855>
- Agbaria, Q., & Mahamid, F. (2023). The association between parenting styles, maternal self-efficacy, and social and emotional adjustment among Arab preschool children. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 36(1), Article 10. <https://doi.org/10.1186/s41155-023-00252-4>
- Alegre, A. (2011). Parenting styles and children's emotional intelligence: What do we know? *The Family Journal*, 19(1), 56–62. <https://doi.org/10.1177/1066480710387486>
- Bakman, G., & Uziel, A. P. (2022). O que as crianças pensam sobre o que é ser família? *Psicologia USP*, 33, Article e200209. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200209>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (Edição revista e ampliada). Edições 70.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4(1, Pt.

2), 1–103.

Bowlby, J. (2023). *Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego*. Artmed.

Campos, L. L., & Melo, A. K. (2022). Noção de família(s) no campo da saúde brasileira: Ensaio teórico-reflexivo. *Escola Anna Nery*, 26, Article e20210197. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2021-0197>

Catalano, H., Rus, A., Dohotaru, A.-I., & Jeder, D. (2024). Parenting styles and children's wellbeing. *Revista Românească pentru Educație Multidimensională*, 16(4), 231–255. <https://doi.org/10.18662/rrem/16.4/914>

Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487–496. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>

Fadlillah, M., & Fauziah, S. (2022). Analysis of Diana Baumrind's parenting style on early childhood development. *Al-Ishlah: Jurnal Pendidikan*, 14(2), 2127–2134. <https://doi.org/10.35445/alishlah.v14i2.487>

Fumagalli, A., Canello, D., Silva, J. V. A., & Becker, A. P. S. (2025). Estilos parentais e práticas educativas na perspectiva da díade pai-filho(a). *Academia Paulista de Psicologia*, 45(109), 161–170. <https://doi.org/10.5935/2176-3038.20250016>

Gomes, P. G. C. (2025). *O papel da família na educação infantil e sua importância para a seleção do repertório comportamental: Uma leitura a partir da ótica do behaviorismo radical* [Artigo de graduação, Universidade Federal do Tocantins].

Hussain, M., Iqbal, S., Khan, S., Hamdani, A. R., & Sindhu, Z. M. (2023). Examining the long-term effects of authoritative parenting on the development of adolescents' self-esteem and emotional regulation. *Journal of Population Therapeutics and Clinical Pharmacology*, 30(18). <https://doi.org/10.53555/jptcp.v30i18.3221>

Kang, J., & Guo, H. (2022). The effects of authoritative parenting style on young adult children's prosocial behaviour: The mediating role of emotion regulation. *China Journal of Social Work*, 15(2), 162–177. <https://doi.org/10.1080/17525098.2021.1956760>

- Khadka, R., Bhatt, A., Thapa, M., Sharma, A., Joshi, M., & Mishra, D. K. (2025). Relationship of parenting styles on depression, anxiety, stress and self-esteem of adolescents. *PLOS ONE*, 20(12), Article e0332854. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0332854>
- Khanum, S., Mushtaq, R., Kamal, M. D., Nishtar, Z., & Lodhi, K. (2023). The influence of parenting styles on child development. *Journal of Policy Research*, 9(2), 808–816. <https://doi.org/10.61506/02.00022>
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (2021). *Fundamentos de metodologia científica* (9^a ed.). Atlas.
- Lanjekar, P. D., Joshi, S. H., Lanjekar, P. D., & Wagh, V. (2022). The effect of parenting and the parent-child relationship on a child's cognitive development: A literature review. *Cureus*, 14(10), Article e30574. <https://doi.org/10.7759/cureus.30574>
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E. M. Hetherington & P. H. Mussen (Eds.), *Handbook of child psychology: Socialization, personality, and social development* (4th ed., pp. 1–101). Wiley.
- Marie-Mitchell, A., Delgado, C., & Gilgoff, R. (2024). Parenting education to improve relational health through pediatric primary care: A scoping review. *Journal of Primary Care & Community Health*, 15. <https://doi.org/10.1177/21501319241306302>
- Martins, L. R., & Silva, G. G. C. (2025). A influência dos estilos parentais no desenvolvimento da personalidade: Revisão integrativa. *Revista Foco*, 18(4), Article e8355. <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v18n4-133>
- McMahon, E. L., Ward, B. T., Aston, H., & Scholer, S. J. (2025). Parenting styles and interventions for the child health clinician. *Current Problems in Pediatric and Adolescent Health Care*, 55(10), Article 101864. <https://doi.org/10.1016/j.cppeds.2025.101864>
- Mortazavizadeh, Z., Göllner, L., & Forstmeier, S. (2022). Emotional competence, attachment, and parenting styles in children and parents. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 35(1), Article 6. <https://doi.org/10.1186/s41155-022-00208-0>
- Mullins, C., & Panlilio, C. C. (2023). Adversity, engagement, and later achievement: The role of

- emotion regulation and parent-child relationship quality. *Children and Youth Services Review*, 148, Article 106862. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2023.106862>
- Salavera, C., Usán, P., & Quilez-Robres, A. (2022). Exploring the effect of parental styles on social skills: The mediating role of affects. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(6), Article 3295. <https://doi.org/10.3390/ijerph19063295>
- Sargent, Z., & Jaswal, V. K. (2022). “It’s okay if you flap your hands”: Non-autistic children do not object to individual unconventional behaviors associated with autism. *Social Development*, 31(4), 1211–1230. <https://doi.org/10.1111/sode.12600>
- Silva, M. S. (2025). Evolução da paternidade e desenvolvimento do indivíduo na infância no Paraná. *Revista Psicopedagogia*, 42(128), 243–261. <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20250034>
- Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: O que é e como fazer. *Einstein*, 8(1), 102–106.
- Waugh, M., & Guhn, M. (2024). Bioecological theory of human development. In A. C. Michalos (Ed.), *Encyclopedia of quality of life and well-being research* (pp. 462–465). Springer.
- Yaffe, Y. (2023). Systematic review of the differences between mothers and fathers in parenting styles and practices. *Current Psychology*, 42(19), 16011–16024. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-01014-6>
- Yaffe, Y., & Karny, S. (2026). The role of emotion dysregulation and self-esteem in the relationships between parenting styles and adolescents’ impostor feelings: A multiple mediation model by parent and child gender. *The Journal of Genetic Psychology*, 187(3), 215–233. <https://doi.org/10.1080/00221325.2025.2496272>
- Zhu, D., Miller-Slough, R. L., Garner, P. W., & Dunsmore, J. C. (2025). Adolescent peer relationship difficulties, prosociality, and parental emotion socialization: Moderating roles of adolescent gender. *The Journal of Genetic Psychology*, 186(1), 39–55. <https://doi.org/10.1080/00221325.2024.2386012>